

CAROL BARRETO

Moda e Feminismo



Sou mulher negra e feminista, desenho desde sempre, antes mesmo de começar a ler e escrever. Crio roupas na tentativa de expressar visualidades que não estão disponíveis no mercado ou que contemplem a diversidade. Cresci em Santo Amaro da Purificação, cidade onde a criatividade sempre esteve no centro das práticas cotidianas, seja por conta das histórias e práticas

vigentes de opressão ao povo negro ou pelo redimensionamento desta mesma condição. Saí da cidade aos 18 anos para estudar Letras com Inglês, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) onde parte da história do povo nordestino e sertanejo me fazia fruir outras raízes.



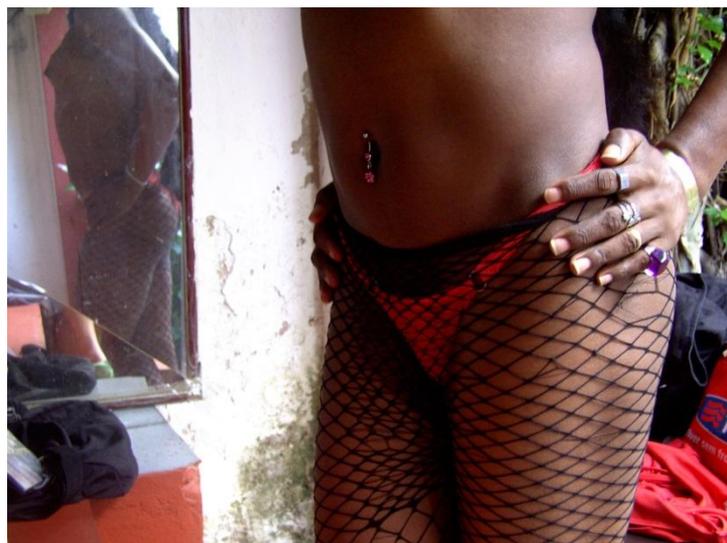
Sempre buscando refletir sobre a centralidade da aparência nas produções da cultura e sociedade, observo que, na minha trajetória de vida artística e acadêmica, tal universo sempre foi mote de reflexão. Quando estudante de iniciação científica no Núcleo de Desenho e Artes da UEFS, realizei uma pesquisa sobre a História da Moda e os momentos de expressão individual registrados nos livros, o que culminou em um curso de extensão que ministrava como bolsista do Núcleo, para o público interno e externo à UEFS e que, conseqüentemente, deu surgimento à monografia de conclusão de curso que discutia Moda e Expressão Individual¹.

¹ Os trabalhos de pesquisa e extensão universitária ocorreram sob orientação da Profa. Dra. Gláucia Trinchão e da Profa. Dra. Ivoneide Costa. A monografia sob orientação do Prof. Robérico Celso.

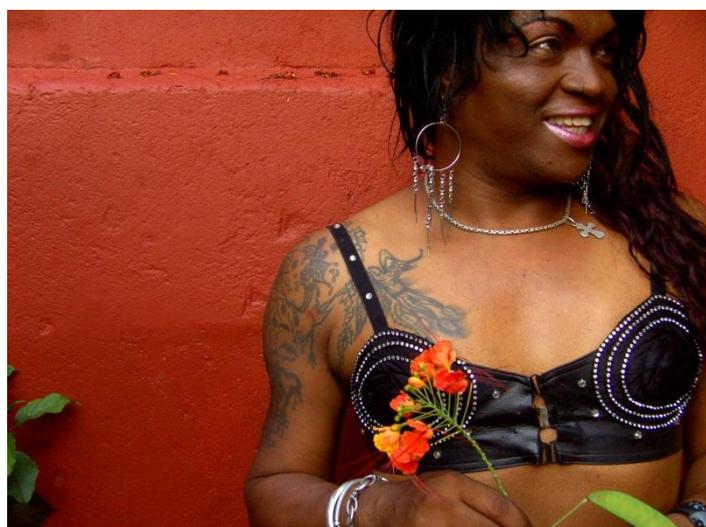
Na UEFS, também cursei Especialização em Desenho e Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade UEFS (bolsista CAPES, 2008). Desde o início da graduação, os textos de pesquisa científica ou relatos de práticas de extensão no Núcleo de Desenho e Artes se faziam por meio de exposição de telas, desenhos, instalações, fotografias e textos. Assim percorri, menina, algumas galerias de Feira de Santana e Santo Amaro com trabalhos que questionavam os padrões do modismo e da branquitude. Travestis, mulheres cisgênero com aparência de culturas tradicionais, perfis femininos e masculinos diversos foram desenhados nas telas, nos textos e nos desfiles. Os primeiros deles, intitulados *Déjà Vu*, e depois *Démodée* aconteceram, respectivamente, em 2001-2002, no campus universitário da UEFS e, posteriormente, no Teatro Dona Canô, em Santo Amaro.

No curso de Especialização em Desenho, parti para um trabalho de campo com um grupo de *Drag Queens* de Salvador, acompanhei os processos de “montação”, seus shows, escrevi e fotografei com a intenção de debater a indissociabilidade entre moda e corporalidade sob a perspectiva do desenho e da noção de redesenho até então exploradas por autoras da área da arquitetura. Nessa pesquisa, intentava provocar a observação sobre os “artifícios” de gênero e a plasticidade do corpo, pensando a aparência como desenho, registro e memória visual².

Mais adiante no mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade, ainda sob a perspectiva da noção de redesenho e das expressões de gênero e sexualidade, me aproximo do grupo de Travestis que frequentavam as reuniões da ATRAS³, no GGB, em Salvador - BA, com interesse em compreender o redesenho do corpo e os processos de construção da aparência e da subjetividade no grupo.



Após um ano de pesquisa/convivência, concluo que nada teria a analisar sob a perspectiva inicialmente traçada, pois a noção de redesenho era algo sociomaterial e impingido de tantas especificidades e violência, fruto da exclusão social e da transfobia naturalizada, que me deixaram impactada. Passei a chamar tal impacto de “redesenho de si/mim mesma” e produzi um texto literário narrativo visibilizando as vozes e histórias de vida das minhas interlocutoras – algumas que perdi para a violência no meio do percurso – e também construí uma exposição de fotografias com o grupo, em uma linguagem de editorial de moda e que ficaram expostas em galerias na cidade de Salvador. Dessa maneira, me contive ao registro de experiência em uma pesquisa etnográfica na qual trabalhei o conceito de moda, aparência, corpo, sexualidades, gênero e raça/etnia de modo transdisciplinar e em uma escrita majoritariamente literária.



² Linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade. A monografia da especialização foi elaborada sob orientação do Prof. Robérico Celso.

³ ATRAS: Associação das Travestis de Salvador sediada à época no GGB – Grupo Gay da Bahia no Pelourinho.

Mais tarde, residente da capital baiana desde 2005, investi na “adequação” do meu trabalho à linguagem comercial da moda a fim de alcançar estrategicamente maior visibilidade e elaborar neste nicho, representações de mulheres negras e LGBTQTIQ em negociação com os padrões hegemônicos a fim de subverter no interior destas mesmas linguagens. Como docente de cursos de graduação em Design de Moda, entre os anos de 2006 e 2013, me dediquei à elaboração metodológica e teórica de discursos de enfrentamento e empoderamento junto @s discentes. Desde 2011, como Docente do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, do Departamento de Gênero e Feminismo da UFBA, integrante da linha de pesquisa ‘Gênero, Cultura e Arte’ no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM-UFBA), tenho tido o privilégio de reunir toda a elaboração de conteúdo interdisciplinar em uma prática de crítica à definição do que se considera como conhecimento acadêmico, artístico ou metodológico.

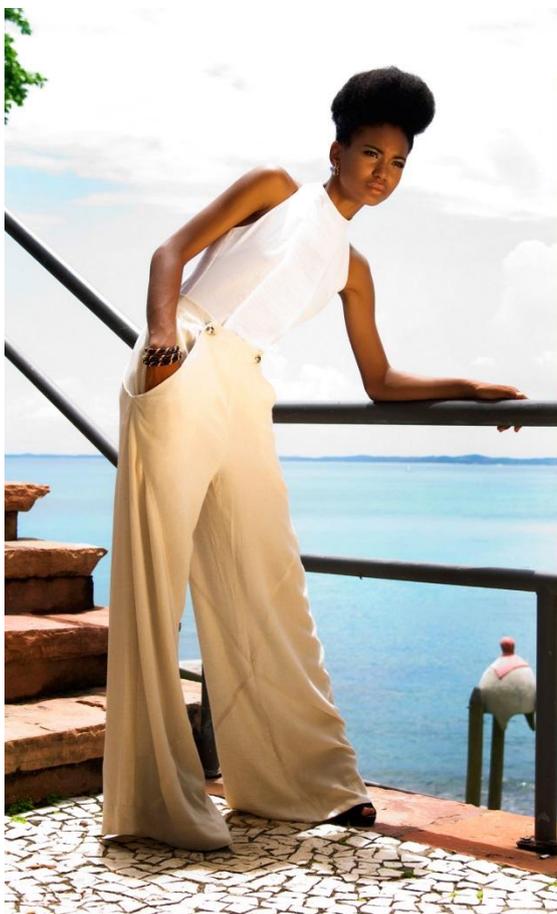


Atualmente, como Designer de Moda, assino a marca que leva meu nome, trabalhando processos criativos e projetos que refletem minha área de pesquisa acadêmico/artística, produzindo imagens com um discurso feminista, antirracista e não sexista, voltadas para um consumo de moda mais consciente e para a

visibilização da expressão artística e do design da comunidade negra na Bahia e no Brasil. Nesta caminhada de passarelas, desfilei coleções em eventos de moda na Bahia e Pernambuco, sendo premiada em duas ocasiões. Frequentemente, organizo evento de Economia Criativa onde se reúnem estilistas, artistas e designers soteropolitanos para comercializar os seus produtos e, atualmente, ligada ao Coletivo de Entidades Negras (CEN) tenho atuado no desenvolvimento e gestão de projetos ligados à Economia Criativa e à Economia Solidária.

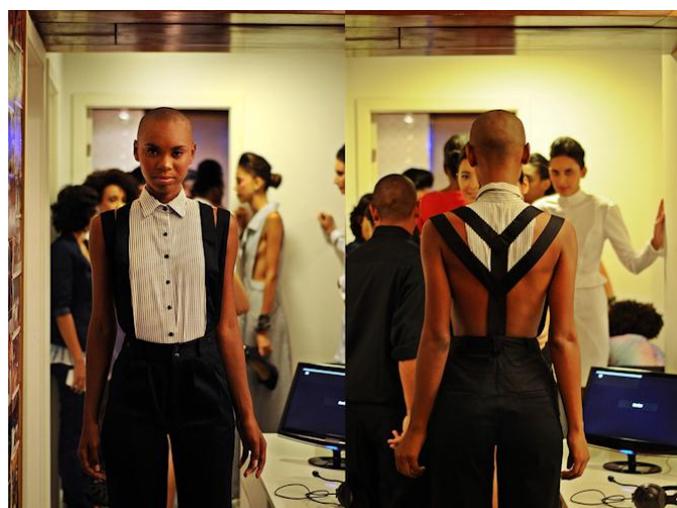


Em meio ao percurso acadêmico, desde 2011, apresento, regularmente, coleções de moda e, nos desfiles, intento expressar todas as indagações que emergem das minhas pesquisas, com a construção de peças com *design* exclusivo, que foram comercializadas em loja própria por dois anos até o ingresso como docente na Universidade Federal da Bahia.



Em 2012, apresentei o espetáculo “Gender Trouble”, sob direção do ator e diretor artístico Marcelo Souza Brito, performance que tratou de moda, corpo e sexualidade. Com apresentação de registro de vídeo e fotografia da intervenção urbana realizada em setembro de 2012 com

um desfile nas ruas de Salvador tendo a participação do video maker francês Jean Dauriac, do fotógrafo Rômulo Alessandro e do grupo de atores do Coletivo Cruéis Tentadores.





Em 2013, fui convidada a representar o Brasil na *Dakar Fashion Week*, no Senegal, evento internacional que reúne criadores de diversas nacionalidades que expressem a diversidade cultural de seu país.





Com a coleção “Fluxos”, que traz à tona o legado da Diáspora Africana como uma provocação para pensar os valores estéticos da contemporaneidade, participei, em 2014, do Dragão Fashion em Fortaleza-CE.





Agora, em dezembro de 2015, fui convidada para apresentar meu trabalho na capital internacional da moda, na quarta edição do *Black Fashion Week Paris* com o projeto de circulação internacional da “Coleção

VOZES: moda e ancestralidades”, coleção que tem como objetivo promover a valorização de mulheres negras do Recôncavo Baiano, em especial, habitantes de comunidades tradicionais.



Partindo dessa trajetória, no âmbito da pesquisa científica e sob a perspectiva da antropologia feminista, venho elaborando uma análise das aparências corporais sob o ponto de vista da moda como linguagem e identificação sociocultural, na expressão das identidades, posicionamento político e materialização dos marcadores sociais da diferença. Busco compreender as interlocuções entre ativismo político e os processos criativos no âmbito da moda, desde a aparência individual de membrxs de grupos negrxs e LGBT's, como as mulheres transexuais e negras, bem como refletir acerca dos meus processos criativos na elaboração de coleções de moda que compõem a minha trajetória como estilista, buscando analisar como se articulam os discursos políticos e estéticos com a minha trajetória acadêmica como docente na área dos Estudos Feministas e de Gênero e no Design de Moda.

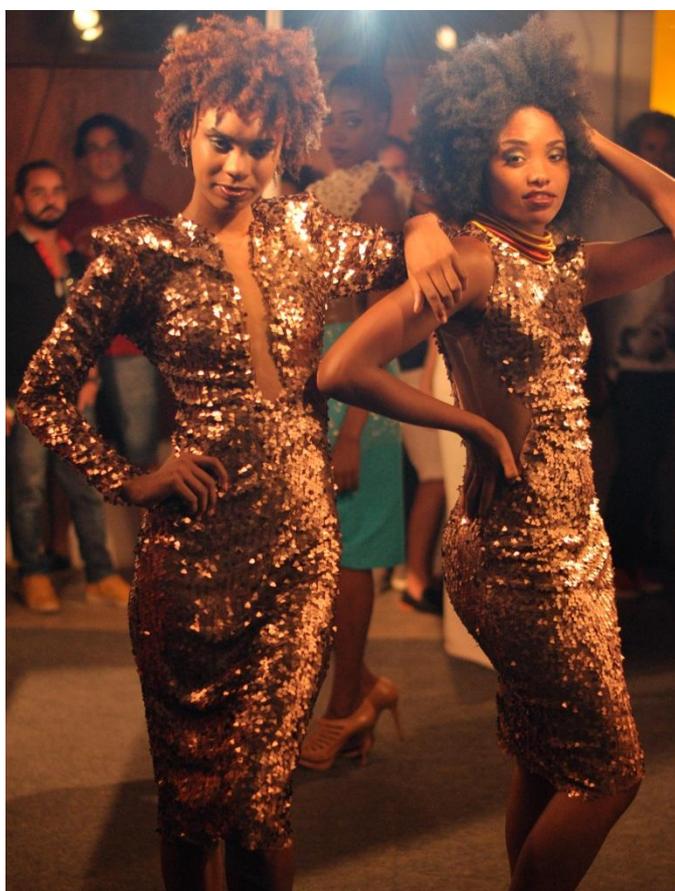
Desse modo, penso tal enlace a partir da perspectiva da produção acadêmica de mulheres feministas negras, lésbicas e Trans*, contribuindo para a construção do conhecimento situado, como propõe Donna Haraway em *Saberes localizados*, quando nos provoca a pensar que todo saber é localizado e corporificado quando diz:

Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular (1995, p. 33).



Da mesma maneira, como designer de moda, busco a expressão do meu “lugar de fala” na criação de imagens de moda, transformando a passarela e a fotografia em um espaço de militância e, por isto, busco a interlocução com ativistas que, como eu, centralizam na linguagem do corpo e da aparência seus discursos políticos de questionamento dos padrões ou subvertem exatamente pela adequação aos mesmos.

Assim, consciente da minha hibridez subjetiva e profissional, que me impele a compreender como indissociáveis tais campos e factível essa interlocução, observo que são poucas as mulheres negras no Brasil que, além de atuar no campo prático da moda, na mesma medida o fazem academicamente e, assim, lançando mão desta experiência, busco ratificar a importância do registro e da instrumentalização desses discursos como maneira também de visibilizar vozes e fazeres sempre tidos como subalternos¹ (SPIVAK, 2010) e registrados apenas como objetos de estudo por suposição da impossibilidade de sua autonomia.



Atualmente, cursando Doutorado no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, IHAC – UFBA, estudo as relações entre a moda e a expressão dos marcadores sociais das diferenças – como gênero, sexualidades, identidade afetivo-sexual, geração, classe social e raça/etnia – por

¹ Citando os Estudos Subalternos, em especial as produções de Gayatri Spivak. Sua interpretação desta teoria visava aliar o marxismo gramsciano ao pós-estruturalismo de Derrida e ao feminismo. Em relação à perspectiva feminista, Spivak teve um papel fundamental na construção de uma crítica pós-colonial de gênero.

meio da análise dos Processos Criativos empreendidos no design de moda – através de uma autoetnografia² que



visa registrar os conceitos aplicados no desenvolvimento das coleções e imagens de moda que elaboro profissionalmente – bem como na análise dos discursos e das técnicas envolvidas na construção da aparência individual de mulheres autoidentificadas como Trans*³, tendo como grupo de diálogo as ativistas políticas ligadas ao movimento Transfeminista⁴.

² O conceito nasce na antropologia e começou ser adotado pela sociologia, em particular no que se refere aos estudos feministas e pós-coloniais.

³ O termo Trans* está escrito dessa maneira em respeito às reivindicações das Transfeministas. O uso do asterisco é proposital para indicar as diversas possibilidades de identificação bem como para enfatizar a fluidez dessas categorias.

⁴ Segundo Jaqueline de Jesus e Hailley Alves (2012), o transfeminismo ou feminismo transgênero se relaciona tanto com o movimento e pensamentos feministas em geral, quanto com os movimentos de travestis e transexuais, de prostitutas e movimentos LGBT, agregando demandas como o fim do sexismo e da violência contra as mulheres, a legalização do aborto, a autonomia para definir seu nome e gênero nos documentos oficiais e também é resultado da exclusão por que pessoas trans* passaram ao transitar por alguns espaços feministas no Brasil.



REVISTA
feminismos

Carol Barreto

www.facebook.com/carolbarretodesigner

